

NARRATIVAS SOBRE FORMAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO NO CURSO DE HISTÓRIA: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO, 1991-2004

*Michele Ferreira da Silva¹
Wolney Honório Filho²
Rita Tatiana Cardoso Erbs³*

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre formação e escolarização a partir das narrativas de ex-alunas e professores-formadores do curso de História da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, de 1991 a 2004. No processo investigativo, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, utilizando a metodologia de histórias de vida, com ênfase nas narrativas formativas. Para tanto foram entrevistados três ex-alunas e quatro professores - formadores. Com a pesquisa, percebemos que, assim como o processo de escolarização pode ser formativo, também pode ocupar tanto um papel secundário quanto influenciar negativamente na formação docente. A pesquisa evidenciou que processos de escolarização e formação se entrelaçam e definem escolhas no dia a dia, bem como no futuro pessoal e profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas sobre formação docente - Histórias de Vida – Curso de História

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.

² Doutor em História e Professor da Faculdade de Educação - Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, onde atua no Programa de Mestrado em Educação e no Curso de Pedagogia. É líder do NEPEDUCA – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Catalão.

³ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Educação e graduada em Psicologia. Integrante do GRUPRODOCI – Grupo de Profissionalização Docente e Identidade – Narrativas na Primeira Pessoa.

NARRATIVES ABOUT FORMATION AND SCHOOLING IN HISTORY CURSE - Universidade Federal de Goiás-Regional Catalão, 1991 – 2004.

ABSTRACT: The main objective on this present paper is to reflect on formation and schooling process based narratives of former students and training teachers of History Curse at Universidade Federal de Goiás-Regional Catalão from 1991 to 2004. During investigation process a qualitative research was performed using methodology of Life Stories, with emphasis in narratives formation. For this to occur were interview three former students and four training teachers. With the research we realize that as the schooling process can be formation and also can engage a secondary role as negatively influence the graduator's teachers. The research showed that schooling and formation processes intertwine and define choices on a daily basis, as well as personal and professional future.

KEYWORDS: Narrative about formation teachers - Life Stories - History Course

Este texto tem como objetivo refletir sobre formação e escolarização a partir das narrativas de ex-alunas e professores-formadores do curso de História da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão⁴, de 1991 a 2004. Foram coletadas narrativas escritas e entrevistas de três ex-alunas do Curso de História da UFG/RC: Maria Helena, Ana Laura e Lia. Fizemos também entrevistas com quatro professores-formadores do curso: Luana, Renata, José Luiz e Maria Cândida⁵.

⁴ O Campus em Catalão, da Universidade Federal de Goiás, de 1986, ano da instalação dos primeiros cursos, até o final de 2013, denominava-se Universidade Federal de Goiás- Campus Catalão. A partir de 2014, com a aprovação do novo estatuto da UFG, passou a se denominar: Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão.

⁵ Todos os nomes referentes a ex-alunas, professores-formadores entrevistados ou citados que aparecem neste texto são fictícios, por motivos éticos, a fim de preservarmos suas identidades. O critério de escolhas das ex-alunas foi o de estarem atuando na rede de ensino como professoras de história. O dos professores-formadores foi o de estarem no quadro docente no período de 1991 a 2004, recorte temporal este, que se justifica por ter sido a

Para fazermos as entrevistas, fizemos convite pessoalmente para alunas egressas e encaminhamos e-mail para os professores-formadores. Para as alunas egressas, além do convite, foi solicitada uma narrativa escrita, com o objetivo de escreverem elementos que foram importantes para a formação delas⁶. Essas narrativas, além de documentos para a pesquisa, auxiliaram na preparação das entrevistas. Todas as três fizeram essa narrativa e nos entregaram via e-mail e pessoalmente.

Fizemos, portanto, entrevistas semiestruturadas, que foram realizadas nas dependências da UFG-RC-PPGEDUC⁷. O uso das entrevistas semiestruturadas se mostrou pertinente para a pesquisa, por se tratar de um tipo de entrevista em que as perguntas são flexíveis, podendo ser formuladas e reformuladas, especialmente após recebermos as narrativas escritas. Além disso, o entrevistado tem a liberdade de oferecer mais informações do que foi solicitado.

De acordo com Mazzotti e Gewandsznajder (2002, p. 168), nas entrevistas semiestruturadas “também chamadas focalizadas, o entrevistador faz perguntas específicas, mas também deixa que o entrevistado responda em seus próprios termos”. Desse modo, as entrevistas semiestruturadas propiciam ao entrevistado mais liberdade de responder de acordo com suas perspectivas. Não é um tipo de entrevista rígida e homogênea, mas uma entrevista que permite flexibilidade, sem deixar de lado o tema da entrevista.

Para compreendermos o processo de formação no ensino superior, fizemos uma diferenciação entre escolarização e formação, pois entendemos o ensino superior como parte do processo de escolarização, onde o indivíduo aprende um

primeira estrutura formativa do curso, sendo um momento de consolidação e crescimento do mesmo.

⁶ Esse procedimento se restringiu apenas aos egressos. Não o fizemos com os professores do Curso porque quando decidimos por entrevistá-los foi com o objetivo de buscar informações sobre o histórico do curso e a ideia era fazer breves entrevistas para preenchermos lacunas nos dados que tínhamos sobre o mesmo.

⁷ Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão – Programa de Pós-Graduação em Educação.

novo ofício a partir de um currículo pré-determinado para uma certificação específica. Com o estudo das narrativas, conseguimos perceber aspectos formativos que são construídos no processo de escolarização e os aspectos que estão para além de determinações legais e certificações. Essa reflexão tornou-se significativa alterando a nossa percepção para futuras pesquisas, propiciando um refinamento da nossa escuta para compreensão da formação docente.

Sobre a narrativa

Na pesquisa com histórias de vida, as narrativas são essenciais e podem ser entendidas como um importante instrumento de coleta de dados e análise. Segundo Delory-Momberger (2006, p. 363):

A narrativa realiza, sobre o material indefinido do vivido, um trabalho de homogeneização, ordenação, de funcionalidade significante; reúne, organiza e trata de modo temático os acontecimentos da existência; dá sentido a um vivido multiforme, heterogêneo, polissêmico.

A narrativa pode auxiliar na reflexão sobre os sentidos que os sujeitos produzem sobre suas vivências. Através da narrativa, o sujeito pode tecer um auto-olhar para si, pensar sobre o que viveu e, com isso, estabelecer novas diretrizes para sua vida pessoal e profissional.

Josso (2010, p. 269) salienta que “a narrativa é, antes de tudo, centrada em uma dinâmica interior feita de confrontos, de encontros, de cruzamentos, de choques ocasionados por interações-desejadas ou imprevistas- [...]”. A narrativa possibilita compreender as dinâmicas existenciais do sujeito que perpassam os encontros, interações, cruzamentos que ele estabeleceu em suas vivências.

A autora esclarece que “as narrativas de formação permitem distinguir: experiências coletivamente partilhadas em nossas convivências socioculturais e experiências individuais; [...]” (JOSSO, 2010, p. 49). Elas ampliam a compreensão da formação

que o sujeito adquiriu ao longo da vida, tanto individualmente, quanto coletivamente. Segundo Bragança (2012, p.121), “a narrativa possibilita a expressão da experiência vivida pelo sujeito, ao mesmo tempo em que a transforma na comunicação intersubjetiva do diálogo, ao ser dita, a experiência se transforma em seus sentidos”.

A narrativa, como coleta de dados, auxilia o pesquisador a entender os sentidos que o sujeito, em sua entrevista, estabelece sobre suas experiências. Segundo Cunha (1997, p. 4): “ela permite o desvendar de elementos quase misteriosos por parte do próprio sujeito da narração que, quase muitas vezes, nunca havia sido estimulado a expressar organizadamente seus pensamentos”.

Assim, o trabalho com a narrativa oferece ao pesquisador, meios para o entendimento das trajetórias formativas e experiências vividas significativamente pelo sujeito da pesquisa. E, para quem narra, é uma oportunidade de centrar-se em si e pensar em tudo aquilo que foi importante em sua vida, que o faz ser o que é hoje.

Conforme explica Souza (2011, p. 217):

As entrevistas narrativas demarcam um espaço em que o sujeito, ao selecionar aspectos da sua existência e tratá-los oralmente, organiza as ideias e potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma autorreflexiva como suporte para a compreensão de sua itinerância, caracterizando-se como excelente perspectiva de formação.

As entrevistas narrativas são, portanto, um momento de reformulações de vivências, de reconstruções de significados, o que poderá contribuir para o entendimento de uma trajetória formativa. Elas podem abordar todo o processo formativo do sujeito, inclusive sua formação no ensino superior.

Escolarização, ensino superior e formação.

A formação no ensino superior faz parte do processo de escolarização, pois nele o sujeito aprende uma nova profissão, um novo ofício, além de novos conhecimentos. Em linhas gerais,

podemos dizer que a escolarização compreende todas as etapas de estudo do indivíduo, realizadas em instituições específicas educacionais, desde a educação infantil à pós-graduação. A formação no ensino superior é um *continuum*, pois iniciou desde o nascimento do sujeito, passou pela escolarização na educação básica e seguiu com a aprendizagem profissional, a um novo ofício para o sujeito.

De acordo com Sandra Andrade (2008, p. 154), “à medida que os discursos de educação para todos e de educação como direito ganham centralidade nas políticas educacionais, é possível compreender que tais discursos estão implicados com a produção de sentidos em torno do campo da escolarização”. A escolarização é um território repleto de sentidos para todos os sujeitos envolvidos no processo, tanto para o Estado, quanto para alunos, professores ou trabalhadores em geral da educação.

Em nossa sociedade, cada vez mais globalizada e tecnológica, a escolarização ainda é um elemento importante na vida do sujeito. Sobre isso, Andrade (2008, p.156) explica:

[...] permito-me inferir o direito à educação e a própria escolarização como imperativos. Necessidade, obrigação, dever, imposição e direito são discursos que mesclam, se atravessam e se fundem para posicionar a escolarização como um pré-requisito à cidadania. [...] Ser escolarizado, de um modo ou de outro, faz parte deste conjunto normativo que se tornou imprescindível em nossa atualidade.

A escolarização se relaciona à cidadania. Ou seja, a escola pode proporcionar ao sujeito aprendiz oportunidades diferenciadas em relação àquele que não estudou. E a formação no ensino superior, mais conhecimentos e profissionalização. É um novo profissional que estará sendo formado, que poderá intervir na sociedade de forma crítica, reflexiva e transformadora.

Então, a formação no ensino superior, pode, ou deveria corresponder a uma etapa de escolarização feita nas instituições de ensino superior que irá fornecer aos alunos a capacitação para uma nova profissão, para novos conhecimentos e novas ações na

sociedade. E são diversos os motivos que levam o indivíduo ao ensino superior, tais como o gosto pelos estudos, aptidões para a profissão, necessidades financeiras, etc.

As ex-alunas e professores do curso de História da UFG/Regional Catalão chegaram ao ensino superior por motivos diversos: gosto pelos estudos, aptidão pelas humanidades, dificuldade de ir para outra cidade estudar, oportunidade de emprego surgida. Assim, o curso de História da UFG/RC, de 1991 a 2004, foi um processo de escolarização superior, bem como um lugar de aperfeiçoamento profissional para as alunas egressas e para seus professores. Um *lôcus*, lugar comum, que une essas alunas e professores, um lugar de passagem e de possível formação para todos eles.

O curso de História da UFG/RC e o ensino superior brasileiro

A criação da universidade no Brasil é algo complexo, que envolve questões políticas e sociais. De acordo com Fávero (2006, p. 19):

Basta lembrar que ela foi criada não para atender às necessidades fundamentais da realidade da qual era e é parte, mas pensada e aceita como um bem cultural oferecido a minorias, sem uma definição clara no sentido de que, por suas próprias funções deveria se constituir em espaço de investigação científica e de produção de conhecimento.

A universidade no Brasil, em seu início, foi gestada para a elite da época e não para toda a sociedade. Conforme Fávero (2006), desde o período colonial, imperial e até mesmo no início do período republicano, houve várias ações para a criação de universidades no Brasil. O autor ressalta que “cabe assinalar que na história da educação superior brasileira, a Universidade do Rio de Janeiro é a primeira instituição universitária criada legalmente pelo Governo Federal” (FÁVERO, 2006, p. 22).

Outras universidades foram criadas, tanto na esfera federal quanto na particular. E, assim, o ensino superior foi adotando novas características. De acordo com Martins (2000, p. 42):

O sistema de ensino superior brasileiro passou por expressivas mudanças em sua morfologia. No início dos anos 60, contava com cerca de uma centena de instituições, a maioria delas de pequeno porte, voltadas basicamente para atividades de transmissão do conhecimento, com um corpo docente fracamente profissionalizado. Esses estabelecimentos vocacionados para a reprodução de quadros da elite nacional [...] abrigavam menos de 100 mil estudantes, com predominância quase absoluta do sexo masculino. [...]

Nesse processo de mudanças, houve a incorporação de um público mais diferenciado socialmente, o aumento significativo do ingresso de estudantes do gênero feminino, a entrada de alunos já integrado no mercado de trabalho e o acentuado processo de interiorização e de regionalização do ensino.

Não cabe aqui detalhar a história da universidade brasileira. Porém, pontuar que nos anos 1990, período importante para nossa pesquisa, tem-se uma expansão tímida das instituições federais, caracterizadas especialmente pela interiorização das universidades federais, e um crescimento vertiginoso do setor privado (MARTINS, 2000). Ou seja, cresceu a demanda por cursos superiores, mas baixou o investimento governamental em instituições federais.

Sobre isso, Amaral (2008) afirma que:

Os recursos para o investimento nas Ifes em relação ao PIB apresentaram um perfil de uma queda vertiginosa de 1990 a 1998, de R\$ 508 milhões para apenas R\$ 10 milhões, flutuações de 1998 a 2002 e um rápido crescimento de 2003 a 2006; R\$ 49 milhões em 2003 e R\$ 416 milhões em 2006, retomando valores percentuais de 1991. É necessário lembrar que uma parte da expansão desses recursos para investimento se deve ao processo de transformação e de instalação de novas IFES no país. [...]

Pode-se verificar que houve, a partir de 1990, uma diminuição substancial nos recursos originários do tesouro nacional com tendência à recuperação nos anos

2004 a 2006, no governo Lula, com a ressalva de que uma parte dos recursos se dirigiu ao financiamento da expansão das IFES que se consolidou de 2005 para 2006. (AMARAL, 2008, p. 278 - 280).

Dessa forma, o ensino superior, que nos anos 90 passou por uma fase de poucos investimentos, a partir do ano de 2003 vivencia uma nova conjuntura, com políticas de acesso à universidade, de expansão do ensino superior e da federalização docente.

É nesse contexto da interiorização e expansão do ensino superior brasileiro que está o Campus Catalão da UFG. Ele foi criado em 1983, pela Resolução CCEP N° 189, de 07 de dezembro de 1983, aprovada em reunião do Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa da UFG, tendo a assinatura da então reitora, professora Maria do Rosário Cassimiro⁸.

Para além dessa ideia de interiorização e expansão do ensino superior, havia questões políticas no processo de criação do CAC/ UFG. De acordo com Silva (2009, p. 65),

[...] deparamos com indicadores de que o processo de implantação do Campus Avançado da UFG em Catalão se, por um lado, foi consoante ao movimento das políticas de interiorização da educação superior em nosso País, por outro lado, foi partícipe das disputas partidárias entre os interlocutores políticos da cidade que defendiam o projeto de se ter em Catalão uma faculdade ou um Campus da UFG, que oferecesse curso superior.

⁸ Resumidamente, está dito no 1º artigo que fica criado o CAC. No 2º artigo, são elencados os objetivos do CAC que são: possibilitar à Universidade uma participação no processo de desenvolvimento cultural e sócio- econômico local, regional e nacional; oferecer bases físicas, administrativas e técnicas para programas de extensão da Universidade e contribuir com recursos humanos qualificados com a finalidade de propiciar para a região, boas condições para que ela venha a se tornar polo de desenvolvimento. No 3º artigo define-se que o CAC terá diretor, administrador e auxiliares administrativos e serviços.

O CAC/UFG surgiu das propostas de expansão do ensino superior, já existentes em todo o país, ou seja, da interiorização, e, em Catalão – GO, ele foi alvo de disputas partidárias.

Silva (2009) ainda salienta que:

Dessa feita, a oferta de cursos nos Campi Avançados da UFG, nesse caso, no CAC, dependia dos compromissos firmados nos Convênios celebrados entre a Universidade e a Prefeitura de Catalão. [...] em outubro de 1985 a UFG e prefeitura assinam Termos de Convênios UFG/n. 3485 e 35/85 materializando assim a proposta de implantação de cursos no Campus.

Os primeiros convênios de implantação de cursos: foram em 1985: Licenciatura Plena em Letras e Licenciatura Plena em Geografia, e em 1987: Licenciatura Plena em Pedagogia e Licenciatura Plena em Matemática. (SILVA, 2009, p. 76-77 e 100).

Com essas negociações, o Campus Catalão começou a oferecer seus cursos a toda população a partir de 1986.

Em 2006, o CAC/UFG recebeu investimentos do governo federal, com o projeto de expansão e o Reuni, e vivenciou um processo de crescimento acelerado no que tange à infraestrutura e demanda de cursos. Atualmente, conta com mais de vinte cursos de graduação e programas de mestrado em diversas áreas.

O curso de História em Catalão

O curso de História foi criado por meio de convênio entre a prefeitura, na gestão do Dr. Aguinaldo Mesquita, e a UFG firmado em 1990, iniciando seus trabalhos e turmas em 1991.

[...] quem assume a Prefeitura Municipal de Catalão é o Dr. Aguinaldo Gonçalves Mesquita, e em 1989, ele renova os quatro convênios anteriores dando continuidade aos cursos já existentes e implanta o curso de Educação Física e, em 1990 celebra convênio de implantação do curso de História. (SILVA, 2009, p. 100).

O curso de História começou a funcionar como uma extensão do curso de História de Goiânia. As matrizes curriculares do curso de História de Goiânia eram seguidas pelo curso de História do Campus Avançado de Catalão.

A preocupação primeira do curso era fornecer aos alunos os conhecimentos mínimos necessários, ou seja, conhecimentos teóricos, para depois pensar a prática de ensino do ponto de vista didático, pois as disciplinas destinadas à formação docente eram oferecidas nos últimos dois anos.

Da primeira resolução para a segunda, houve uma diminuição da carga horária das disciplinas pedagógicas que pode estar relacionada ao fato da implantação das disciplinas temáticas, que não existiam na resolução anterior.

Outro aspecto da segunda resolução, é que o curso de História passa a ser de quatro anos, sendo que antes era de cinco. Possivelmente, o fato de o curso ter um ano a menos do que tinha e possuir as disciplinas temáticas fez com que as disciplinas tivessem que ser reestruturadas, bem como a carga horária.

Mesmo sendo uma extensão de Goiânia, o curso de História da UFG-Catalão tinha as suas próprias especificidades locais e regionais. O seu alunado, por exemplo, não era semelhante ao de Goiânia. E mais, conforme narrativas de seus professores, em todo esse período de 1991 a 2004, diante das possibilidades existentes, não faltaram esforços para que a formação oferecida pelo curso de História de Catalão fosse mais autônoma em relação ao curso de Goiânia.

Nesse contexto é que se inserem os sujeitos da pesquisa, ex-alunas e professores do Curso de História da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.

A formação em História nas narrativas coletadas

Maria Helena – Escolha do mais fácil ao mundo novo

A decisão de Maria Helena pela História nasceu de uma pressuposição. Ela nos disse que tinha que partir “para essas áreas aí né, que não tem muita Química, nem muita Física, que eu não dominava e não domino até hoje muita coisa. [...] Parti para a História pensando que seria um curso mais fácil”. A dificuldade com as exatas abria a imaginação para a possível facilidade com a História. Contudo, percebemos que ela sentia uma proximidade com o campo de conhecimento da História, quando aponta em suas lembranças nomes de professoras de História do ensino fundamental.

A respeito do início do curso de História, Maria Helena ressalta em sua narrativa escrita que:

[...] tudo com muita dificuldade, pois trabalhava, cuidava de casa, dos filhos, marido. [...]. Para mim, a faculdade e o curso de História foi um divisor, um marco na minha vida, pois saí de uma rotina do lar onde era completamente submissa a marido e filhos para uma nova realidade onde pude viver mudanças e transformações jamais imaginadas. (Narrativa escrita de Maria Helena).

Ela tinha as obrigações domésticas, mas sua rotina, a partir do início do curso de História, alterou-se com estudos e novas aprendizagens. Essas novas aprendizagens com o curso propiciaram à Maria Helena, uma nova visão sobre a vida. Ela afirma que não pensava em aprender tantas coisas. O curso de História então se torna palco de novas vivências para Maria Helena, como um “mundo novo” a ser descoberto.

Sua monografia foi sobre gênero, mulheres. Talvez, essa escolha possa estar relacionada à sua condição de mulher que estava em busca de mais aprendizagens, novas condições de vida. Além disso, ela ressalta:

Ah, as aulas da Ludmila [...] Ah, eu acho que da Ludmila é pela simplicidade dela, como eram as aulas dela, e vai te levando assim a buscar sempre mais. O Tadeu até hoje eu admiro né, as aulas do Tadeu, que vai para a sala sem nenhum livro na mão e fala, dá uma aula ali que!! Eu acho que é o conhecimento que eles tinham, que eles tem né, que eles estão sempre buscando. [...] Ah, a Ludmila, a simplicidade, sei lá, muito boa, muito amiga! (Entrevista realizada com a ex-aluna Maria Helena no dia 22 de janeiro de 2014).

Para Maria Helena, as atitudes dos professores, no caso da Professora Ludmila e do Professor Tadeu, foram essenciais em sua formação. Maria Helena destaca o trabalho dos docentes como algo importante no curso e também para a sua formação.

O processo de formação de Maria Helena foi marcado por escolhas que miravam o desejo de uma nova vida. Ressaltamos, também, em sua narrativa, as boas lembranças sobre os professores. Na narrativa sobre o seu processo de escolarização, ela apresentou o curso de história como uma possibilidade de facilidades, mas a sua formação fez com que o percurso fosse desafiador tanto profissional como pessoalmente.

Para Maria Helena, o processo de formação esteve constantemente impregnado de questões pessoais, sua formação já traz marcas desde o ensino fundamental. Quando ela se refere ao curso de história como um marco em sua vida, um divisor de águas, é possível perceber que, continuar o processo de sua escolarização, abriu-lhe espaço para a formação de uma nova mulher e professora. O meio acadêmico, os professores, os colegas foram reforçadores de uma nova postura na sua vida familiar e profissional. Nas palavras de Maria Helena, “viver transformações jamais imaginadas” remete às possibilidades de formação intensa, não só no âmbito de novas habilidades e competências, mas no âmbito de novas percepções de sociedade e de mulher nesta sociedade. Essa marca forte e intensa que o curso de história lhe proporcionou ficou refletida na sua monografia, onde ela pôde revelar, refletir e conquistar a transformação final do curso e a inicial de sua nova vida como professora.

No relato de Maria Helena, o fascínio e encantamento pelo conhecimento e pela compreensão de mundo, a postura dos professores formadores, apareceram como essenciais na sua formação, independente desses professores estarem ministrando disciplinas pedagógicas, ou diretamente ligadas ao conteúdo de história. Esta narrativa nos auxiliou a desconectar o aspecto formativo, apenas relacionado às disciplinas pedagógicas e sustentou o nosso entendimento para questões de formação no sentido amplo, todos professores formadores, sua postura, seus estudos, suas intervenções com os alunos podem ser inspiradores, motivadores e sustentadores no processo formativo.

Ana Laura – Dificuldades e afunilamentos

Ana Laura começa o curso de História em 1993:

Eu lembro que uma vez, eu não tinha noção do que era um fichamento de texto. Gente, isso para mim, eu enlouqueci, eu vou largar esse curso por causa de um fichamento. E a carga de leitura era muito grande, praticamente quase que eu não dava conta de tanta coisa que era e que era novo para nós né. [...] era uma turma acho que tinha uns vinte e poucos alunos. Depois terminou com doze, mas assim, tinha pessoas mais velhas também que estavam retornando, aí não sei se assim, a gente se envolvia com as dificuldades deles também, delas né que eram professoras, elas já eram professoras há muitos anos. (Entrevista realizada com a ex-aluna Ana Laura no dia 03 de fevereiro de 2014).

Para ela, as atividades de fichamento e leituras carregavam um peso enorme devido às dificuldades em executá-las. Isso nos faz pensar que as leituras e trabalhos eram frequentes, apesar da inexperiência dos alunos com o trato da leitura e escrita.

Outro elemento que Ana Laura destaca é: “[...] a gente sofreu essa mudança aí de pensamento né, de forma de pensar História. Antes, ela era muito política, depois ela ficou muito cultural, então para nós foi um choque. [...] foi muito para nossa cabeça na época. [...] Superou, superamos.” (Entrevista realizada com a ex-aluna Ana Laura no dia 03 de fevereiro de 2014).

A diferença de perspectiva teórica no curso foi algo difícil para Ana Laura e seus colegas. Podemos inferir, a partir disso, que essa mudança ocorreu devido à entrada de novos professores, que possuíam formação e pensamento diferentes dos demais. Ou seja, havia no curso professores que tinham uma perspectiva teórica mais política, voltada para uma História política. E que, com o processo de crescimento do curso, chegaram novos professores que pensavam a História por meio de uma perspectiva cultural.

A formação do curso não foi mais a mesma, pois novos objetos de pesquisas com concepções culturais foram surgindo. A história política foi dando espaço para uma História mais cultural. E essa mudança pode ter sido difícil no momento, como mencionou Ana Laura.

Ela destaca também duas professoras do curso que foram importantes em sua formação: “A Emília, a gente foi iluminado por ela né, a Ludmila; gente a Ludmila, aliás, a Ludmila foi fundamental no meu estágio, eu acho que o que me iluminou muito assim foram as aulas dela enquanto orientadora do estágio”. Ludmila foi professora de estágio e Emília foi sua orientadora da monografia, em que ela pesquisou sobre o trabalho “de mão” de mulheres fiandeiras.

Ana Laura narra claramente como a sua escolarização foi falha, fazendo com que as dificuldades no processo de aprendizagem na educação superior fossem maiores, mas o apoio de professores e a preocupação formativa conseguiram suplantar as lacunas e contribuir para o seu sucesso no curso. Dessa feita, entendemos que Ana Laura concebe a sua formação em História como um momento de novas aprendizagens, em meio a diferenças teóricas. Uma formação com professores que estavam começando no curso, que traziam novos olhares. E isso, no começo, foi algo difícil, mas logo foi superado.

Na narrativa de Ana Laura, temos a impressão que o ensino superior a despertou de um sono, ou de algo letárgico, de repente: dificuldades, choques tiveram que ser superados, lacunas de sua escolarização tiveram que ser supridas, novas compreensões a partir da diversidade de pensamentos foram absorvidas. Com a narrativa de Ana Laura, percebemos a importância do acolhimento

dos professores formadores, pois mesmo sendo exigentes, problematizadores e reflexivos não perderam o carinho e foram atentos às dificuldades de uma aluna, que pensou em desistir, mas segundo suas palavras, encontrou pessoas iluminadas e que a iluminaram no seu caminho.

Lia – Segunda opção, sem status e sem valorização, mas com encantamento

A escolha de Lia pela História caracteriza-se também pela facilidade em estudar em Catalão, pois era difícil para ela estudar em outra cidade. Além disso, ela era muito jovem para ficar fora de casa e ir morar em outra cidade naquele momento, conforme ela mesma nos disse.

O curso de História não era sua primeira opção, e sim o Direito. E, dentre as opções de cursos oferecidos pela UFG/RC, História era a opção que Lia mais gostava. Porém, ela afirma que queria fazer o curso de Direito e que não pensava em ser professora.

Entendemos que a opção pelo curso de Direito possa estar relacionada ao fato deste ser um curso que pode oferecer *status* e melhores salários. Estudar Direito significava melhores condições financeiras para Lia. Ela não detalhou muito sobre isso, todavia, essa talvez seja a explicação pelo anseio pelo curso de Direito.

Sobre o início do curso de História, Lia diz:

Então assim, foi muito difícil o processo inicial porque ai quando vieram as primeiras notas, então meu Deus, como era difícil chegar naquela média, na época sete, sete e meio, alguma coisa assim. Então assim foi muito difícil, foi doído o primeiro momento ali. [...] acho que a gente ficava o bimestre inteiro trabalhando aquele sete, não sei se era sete, sete e meio. [...] Como era difícil aquilo meu Deus! Quando eu via um três, três e meio, era!! Mas assim consegui, mas achei muito difícil. (Entrevista realizada com a ex-aluna Lia no dia 12 de fevereiro de 2014).

Percebemos que o processo de escolarização, na educação básica deixou marcas em relação ao desempenho da aluna, tendo como referencial de bom aluno, boas notas, o que a ajudou a empenhar-se nos estudos e a registrar como dificuldade a obtenção de notas. Ainda sobre o curso de História, Lia explica:

Nós éramos muitas mulheres e a gente conversava demais da conta. Nossa gente! O Célio às vezes, ele queria colocar todo mundo para ir passear. [...], mas nos momentos que a gente estava ali realmente é um encantamento muito grande. Eu lembro assim, eu tive mais aproximação com a Emília então assim, eu achava, eu via um encantamento muito grande com relação na época, ela estava muito envolvida com as questões políticas. Eu via na Ludmila um encantamento, um dia eu lembro que ela chegou a chorar na sala de aula porque eu acho que a turma não estava respondendo a um anseio dela. Então assim, eu passei muito por esse processo de encantamento com a História. (Entrevista realizada com a ex-aluna Lia no dia 12 de fevereiro de 2014).

Isso significa dizer que a turma não estava respondendo aos anseios da professora? Apesar de Lia não explicitar muito sobre isso, podemos entender que a professora Ludmila estava tentando explicar o conteúdo e a turma não estava adotando o comportamento adequado.

Em sua monografia, ela afirma que pesquisou acerca da Política em Catalão na década de 1930 e 1940.

Lia destaca dificuldades em tirar boas notas. Remete-nos a dor de ser descolada da sua zona de conforto, de boa aluna. A dor de “cair em si”, de reconhecer suas próprias limitações e dificuldades. Mesmo assim, sua formação superior é encarada com um encantamento. Encantamento relacionado, provavelmente, às novas aprendizagens e descobertas que ela teve ao longo do curso. Ou seja, como um momento de encontro com um novo ofício em sua vida. Com a narrativa de Lia podemos associar o processo de escolarização com o desempenho quantitativo, a obtenção de notas e o processo formativo ao encantamento,

motivação espelhada nos professores que com paciência e dedicação conseguiram lidar com as dificuldades da turma.

Na narrativa das três ex-alunas do curso de história, podemos perceber a mudança do cenário na família, na cidade e na universidade. Como colocado inicialmente, por Martins (2000) e Fávero (2006) as características do ensino superior até os anos 60 eram: público masculino com vocação a reprodução de quadros da elite. Com essas narrativas temos evidenciado a mudança do cenário, não só na cidade de Catalão, mas em todo território nacional. O cenário acadêmico passa a ser, no curso de história, de muitas mulheres conversadeiras, descobrindo o feminino, o trabalho, a força das mãos e a força do conhecimento. Mulheres que falando vão tecendo pensamentos, atitudes, transformações e encantamentos.

Professora-formadora Luana – definitivamente aqui

Na narrativa de Luana, vimos também seu destaque para a importância de seus professores, especialmente os de História, pela sua postura intelectual e política.

Ela se sentiu dividida entre História e Direito. Sua primeira opção era o curso de Direito. Assim como Lia, Luana queria cursar Direito. E esse anseio pode estar relacionado à sua postura ativa na sociedade e ao seu ideal de justiça, pois ela afirma que, mesmo jovem, participava das questões sociais de sua cidade.

Suas pesquisas de mestrado e doutorado focaram no estudo sobre o trabalho e o trabalhador. Luana chegou como professora do Curso de História em Catalão quando a primeira turma estava no quarto período.

O curso funcionava assim de uma maneira, vamos dizer assim; ele estava começando a se estruturar. E como essas idas e vindas de professores, dificultava um pouco um projeto mais sistemático de curso. Nesse momento que eu chego é que chega um grupo de pessoas que acabam ficando mais definitivamente aqui [...] e a gente fixou mais e conseguiu dar uma diretriz para o curso. Naquele tempo a gente não tinha essa coisa de

plano político-pedagógico próprio, a gente seguia a grade curricular do curso de Goiânia. A gente era uma extensão, uma segunda turma do curso de Goiânia. (Entrevista com a professora-formadora Luana no dia 13 de março de 2014).

O momento da chegada de Luana coincide com a de outros professores, que passaram a permanecer mais tempo na UFG/RC. Esta convivência mais acentuada devido à menor rotatividade dos professores possibilita pensar o curso com maior constância:

À medida que a gente foi se solidificando, os professores foram terminando os mestrados, os doutorados, a gente foi obviamente estabelecendo um projeto de curso, uma perspectiva de diálogo. No início, a gente tinha bastante conflito porque a gente tinha dois grupos distintos dentro do curso. E alguns dos elementos eram mais atritantes. Então a gente tinha assim alguns conflitos entre essa coisa da História cultural e as perspectivas mais marxistas. (Entrevista com a professora-formadora Luana no dia 13 de março de 2014).

Essa fala de Luana nos lembra a de Ana Laura, anteriormente citada, ou seja, o conflito entre tendências marxistas e culturais na formação dos alunos, bem como nas concepções de História de seus professores. Essas diferenças teóricas fazem parte da Ciência História. Os novos professores tinham uma maneira diferenciada de pensar a História. Interpondo-se, portanto, concepções marxistas e culturalistas.

Outro elemento que destacamos aqui é o fato dos professores do curso seguirem o currículo do Curso de História de Goiânia, fazendo com que curso no Campus de Catalão/UFG fosse visto como extensão de Goiânia.

Professora-formadora Renata – a amizade em primeiro lugar

Observamos que a opção de Renata pela História ocorreu por influência das relações de amizade, bem como pela aproximação com a área de humanas:

Eu fiz opção por História. Fiz a opção muito assim pensando quais os meus amigos que iam fazer História e quais aqueles que iam fazer Geografia, e um pouco, seguia a onda. Porque eu também gostava muito de Geografia, eu também achava muito legal. [...] eu sempre fui muito ligada assim, essa coisa da amizade, foi um fator importante, [...] porque eu acho também, eu tinha mais tendência mesmo para a História, mas eu gostava também muito de Geografia, achava muito legal, mas eu não gostava de Geografia Física, não era muito a minha praia, eu gostava mais da Geografia Humana e aí eu pensei acho que a História vai ter mais haver comigo no conjunto né, na somatória. (Entrevista realizada com a professora-formadora Renata no dia 26 de março de 2014).

Sua pesquisa de mestrado em História na PUC-SP foi sobre o Rádio. E a do doutorado em Semiótica, também na PUC-SP, sobre Crônicas. Isso demarca uma formação no campo da história cultural:

E aí, eu acho que eu juntei um pouco essa coisa da discussão da Cultura que eu estava já fazendo desde a graduação. [...] e aí fui trabalhar com rádio. E também, as suas escolhas também, elas têm um lado emotivo, tem um lado muito pessoal [...], pesquisar o rádio também foi uma forma, eu acho que assim, de aproximação daquilo que eu vivi um pouco com o meu pai, mas foi uma pesquisa também, difícil. [...] O meu doutorado foi muito, muito bacana, muito diferente do que foi o mestrado. Foi muito tranquilo, eu terminei antes do prazo. (Entrevista realizada com a professora-formadora Renata no dia 26 de março de 2014).

Nesse contexto de consolidação de carreira e busca por oportunidades, Renata faz concurso para professor substituto no curso de História da UFG/RC em 1995, com seu mestrado já concluído, e é aprovada. Sobre esse início no curso, entre os anos de 1991 a 2004, ela explica:

Aqui eu encontrei uma autonomia muito maior de trabalho. E naquela época... A gente era muito mais junto, as licenciaturas. E era um grupo muito unido,

muito interdisciplinar. E isso foi o que eu gostei aqui. Isso foi a coisa que mais me chamou a atenção aqui. (Entrevista realizada com a professora-formadora Renata no dia 26 de março de 2014).

A convivência destacada pela professora Luana se confirma também no relato de Renata. Especialmente, o clima de interdisciplinaridade.

Renata salienta a precariedade do curso na época:

Era tudo muito precário assim, em termos de espaço físico, até assim de material, de recurso, a gente não tinha nada. Eu sempre lembro disso. [...] E papel, a gente assim, comprava uma resma ali e dividia (risos). Porque era difícil assim, mal tinha papel para essa parte mais administrativa, imagina para fazer um ofício! Era uma dificuldade tremenda. É uma coisa que às vezes a gente conta e ninguém acredita dentro da universidade. (Entrevista realizada com a professora-formadora Renata no dia 26 de março de 2014).

Apesar da precariedade da infraestrutura física e financeira, para Renata, a interdisciplinaridade e a convivência próxima com colegas estimulavam todos ao trabalho acadêmico. É provável que esta convivência estimulasse também o apetite pelo aperfeiçoamento da formação dos futuros licenciados em História.

Professor-formador José Luiz – formação ou escolarização

No final de 1995, José Luiz decidiu fazer concurso para professor no curso de História do Campus de Catalão/UFMG e foi aprovado, começando suas aulas em 1996. Ele relata a respeito do curso: “a hora que eu cheguei para a sala da aula como professor, que eu olhava assim né, que a grande maioria queria só pegar o diploma para aposentar com um salário melhor foi um pouco impactante”. Segundo o que ele nos conta, o alunado era composto por alunos mais velhos, com certa experiência

profissional, e que já estavam quase aposentando. Isso para José Luiz causou estranhamento. Sobre as condições materiais do curso ele afirma:

E na época ainda estava começando a reforma, em 1996, ainda era velho, tudo mal cuidado. Então foi um susto muito grande. Eu brinco até hoje, que o primeiro ofício não manuscrito do curso de História foi datilografado na minha máquina de escrever que eu trazia de casa. (Entrevista com o professor-formador José Luiz, realizada no dia 31 de março de 2014).

José Luiz levava sua própria máquina de escrever para o trabalho, porque o curso não dispunha desse recurso. Renata também salientou, em sua fala, as dificuldades enfrentadas no curso, em seu início. Tudo indica que o curso de História em Catalão não recebia investimento necessário para o seu pleno desenvolvimento.

Percebemos o quanto o professor José Luiz estava preocupado com a formação de seus alunos e encontrou no grupo a preocupação apenas com a escolarização, ou seja, alguns alunos estavam apenas querendo o diploma para ter um ganho financeiro no momento da aposentadoria. Embora tenha relatado o estranhamento com as características das turmas, sua narrativa não mostrou que esse estranhamento influenciasse na sua motivação, pois para que as dificuldades iniciais fossem superadas muitos esforços foram necessários e realizados.

Professora-formadora Maria Cândida – formação como transformações pessoais

Maria Cândida compreende a sua formação superior como um momento de grandes transformações pessoais. Ela ressalta leituras de Karl Marx como um momento de uma nova consciência. Ela se descobre historiadora e trabalhadora. Os textos de Marx foram um aspecto importante no processo de formação de Maria Cândida, pois, por meio deles, ela adquiriu nova consciência

enquanto cidadã trabalhadora, indo para o PT e para o movimento estudantil. Ou seja, através da leitura daquele autor, os espaços formativos de Maria Cândida se estendem para a política e os movimentos sociais.

Em 1993, surge o concurso para professor no Campus de Catalão/UFG e Maria Cândida, na busca por novas oportunidades profissionais, fez o concurso e foi aprovada. Acerca do curso de História, ela afirma:

Você tinha um grupo que era o grupo de pessoas que já estavam na docência há muitos anos. Pessoas mais velhas que queriam ter acesso ao ensino superior para se aposentar com um salário um pouco melhor [...] Então você tem esse grupo de pessoas mais velhas, majoritariamente mulheres que vêm para cá ter acesso ao diploma, que já estão em sala de aula né e que tinha pouca disponibilidade para enfrentar algumas questões da História e que nós também não tínhamos a sensibilidade necessária para lidar com essas pessoas [...] e pessoas mais jovens, que essas sim, vinham pela História, pela formação. (Entrevista realizada com a professora-formadora Maria Cândida no dia 08 de abril de 2014).

Maria Cândida confirma o que outros professores/formadores disseram anteriormente, ou seja, a clientela do curso naquele período era constituída por alunos mais velhos, experientes e com finalidades diferentes, ora para terem seus acessos de cargo na carreira, ora pelo gosto e crescimento na carreira acadêmica. E, pelo que ela afirma, era necessária uma sensibilidade para lidar com alunos já profissionais.

Além disso, Maria Cândida diz sobre as perspectivas teóricas que havia no curso: “Eu acho que é a questão que permanece até hoje né! É a história social versus história cultural”.

Há três elementos importantes relacionados à concepção de formação das ex-alunas e professores do curso de História do Campus de Catalão/UFG: o processo de formação ao longo da vida; o processo de formação institucional; e a formação em exercício do trabalho docente, no dia a dia da sala de aula.

Ao longo da vida, há pessoas significativas, como amigos e familiares⁹. Como é o caso de Maria Helena, que estudou nas escolas de referência em Catalão, mas que não as valorizou; enquanto que, no caso de José Luiz, seus pais não o deixavam brincar sem antes estudar e fazer o dever de casa; já os pais de Luana conheciam os seus professores e seus colegas; e para Renata, a irmã é quem foi significativa em sua formação, pois a ensinou a ler e escrever. As aprendizagens foram tecidas com momentos felizes, marcados pelos anseios por uma nova vida, pelo gosto pela História, pela busca por novas aprendizagens e boas condições profissionais. Para Ana Laura, o seu marido apoiou a sua volta aos estudos. Com sua filha começando a escolarização, ela fez o curso de História, com o apoio de sua família, passando a viver a rotina de mãe, esposa e estudante de História. Seu marido foi um incentivador dos seus estudos.

A formação profissional, especificamente a formação no ensino superior, acompanhada por dificuldades financeiras, bem como pelas lembranças dos bons professores pintam imagens importantes em suas memórias. A maioria deles trabalhava enquanto se formava na universidade. Além disso, as amizades são elementos de destaque na formação superior, a união com os colegas, a ajuda nos momentos de trabalhos e provas.

A prática da sala de aula é outro elemento que configura concepções de formação. O curso de História do Campus de Catalão/UFG é um lugar convergente das histórias de vida desses sujeitos. Ele é tido aqui como uma intersecção em suas vidas. Mas, na dimensão dos egressos, bem como dos professores formadores, outras aprendizagens vieram, seja através dos cursos de pós-graduação, do ensino na sala de aula, ou da pesquisa científica.

Enfim, o quê de escolarização e o quê de formação.

O processo de formação se constitui por um conjunto das vivências, aprendizagens, transformações, experiências,

⁹ Cabe ressaltar que as entrevistas não se pautaram apenas à formação na Universidade, mas enveredaram por conversas sobre a formação ao longo da vida.

interações e escolhas que o sujeito estabelece em relação a si mesmo e no meio em que vive. Falar do processo de formação é falar, então, das experiências que o sujeito viveu, das trocas e aprendizagens estabelecidas com outras pessoas, seja na família, Igreja, trabalho, movimentos sociais, dentre outros.

Refletir acerca do processo de formação é refletir sobre o que de fato foi importante em nossa formação, sobre as escolhas e vivências que estão relacionadas à nossa identidade pessoal e profissional.

A formação é um processo que acontece ao longo da vida. Nos relatos coletados percebemos o quanto a escolarização pode ter um final, como por exemplo, o término de um curso superior, mas a formação evoca um *continuum*, um processo difícil de estabelecer um início e um fim, pois nos relatos dos professores formadores fica evidente que a sua formação também foi se transformando nas interações com os alunos. Expectativas, conflitos, acolhimentos, superações foram presentes nos relatos das ex-alunas e de professores formadores, todos em formação. Em cada época, ambiente, com cada experiência e transformação, o indivíduo pode aprender coisas novas.

Segundo Josso (2010, p. 313):

A formação resulta de um processo que justapõe ou articula experiências de vida. Essas experiências são atividades específicas, encontros ou relações, situações e acontecimentos emocionalmente fortes que constituem pretextos de aprendizagens e não existe regra que permita associar certas vivências com certas aprendizagens.

Cada uma de nossas narradoras detalhou suas experiências de escolarização e de formação. As histórias de vida, enquanto corrente metodológica entrelaçada às correntes do biográfico e do autobiográfico, elas auxiliaram na compreensão do processo de escolarização e de formação dos nossos sujeitos de pesquisa. Elas possibilitaram perceber o quanto o processo de escolarização pode ser formativo, ou o quanto a escolarização ocupa um papel secundário, ou até com influências negativas na formação

docente. Nas narrativas, acessamos os significados que o sujeito estabelece a respeito do que foi importante em suas experiências de escolarização e de formação. Nas histórias de vida, o sujeito está no centro das discussões e da pesquisa. E a sua subjetividade é fator de discussão e produção de conhecimento. Ou seja, o conhecimento é produzido conforme as experiências do sujeito.

No que tange ao professor, ele é um sujeito em que o seu processo de formação vai sendo gestado não somente na sala de aula, mas em todas as suas vivências, escolhas, trocas e experiências ao longo de sua vida e que, de certa forma, são constitutivos de sua identidade docente.

O processo de formação dos sujeitos da pesquisa, ex-alunas e professores-formadores do curso de História da UFG/Regional Catalão, foi tecido com vivências, escolhas e experiências gestadas no ambiente familiar, na escola, no trabalho, na universidade e na Igreja.

Em relação à escolha pelo curso de história, vimos o quanto a escolarização pode influenciar na preferência, ou não, por um desenvolvimento profissional na área da educação. Quando a valorização da carreira docente é reduzida aos ganhos financeiros e ao status social vigente, fica preterida pelos sujeitos, ou seja, nas narrativas o aspecto social contribuiu para o afastamento da profissionalização como professor. Podemos afirmar que, durante o processo de escolarização na educação básica ou em cursinhos pré-vestibulares, a atuação de bons professores de História, identificados pelos narradores, influenciou de forma positiva na escolha do curso. Embora entre os sujeitos entrevistados, na sua maioria, o curso de história não tenha vindo como primeira opção, a entrada na educação superior possibilitou um caminho formativo evidenciado na permanência no curso, na posterior carreira docente e nas transformações pessoais que a obtenção de conhecimento possibilitou.

Pelas narrativas a opção pelo curso de História veio pelo gosto da disciplina, pela influência de professores queridos, pelo apoio da família, pela oferta do curso no Campus da Regional Catalão, no caso das alunas egressas. Luana afirmava que queria fazer Direito, talvez pela postura ativa e social que tinha em sua

cidade. No entanto, pelas dificuldades de estudar em outra cidade, ela opta pelo curso de História, pois gostava da disciplina e havia tido bons professores desta disciplina na escola.

Lia também queria fazer o curso de Direito, talvez por ser um curso que oferecia mais *status* social e melhores remunerações. Porém, ela opta pelo curso de História porque era o que ela mais gostava na UFG - Regional Catalão. Já Ana Laura escolhe o curso de História por este ser de manhã, portanto, não iria ser problema para a sua rotina de mãe e esposa.

Maria Cândida queria cursar Filosofia, no entanto, não havia tal curso na região e ela escolheu História por acreditar que ele era o que mais se aproximava da Filosofia. Mas, ela afirma que teve boas professoras de História, das quais ela gostava muito. O curso de História foi uma opção tecida pelo gosto pela disciplina e pela influência de bons professores, o que deve ter prevalecido no momento do vestibular.

Em relação aos professores-formadores, o trabalho no curso de História na UFG Regional Catalão surgiu como uma boa oportunidade de emprego e consolidação na carreira.

Sobre as tarefas exigidas no curso de História, eles apresentam dificuldades com a obtenção de notas e dificuldades quanto aos textos. Lia expõe que era muito difícil atingir a média. Já Ana Laura apresenta dificuldades com os trabalhos, tais como a dificuldade de fazer fichamento, o que nos faz pensar em um processo de escolarização com lacunas que tiveram que ser sanadas no curso superior.

As diferenças teóricas são explicitadas também. Luana esclarece acerca das diferenças teóricas por parte dos professores, em que uns adotavam uma concepção teórica mais social com viés marxista e, outros, uma concepção teórica mais cultural. Para nós essas visões teóricas exercem um papel fundamental na formação de cada um dos sujeitos, pois a partir do aprofundamento teórico o curso de História possibilita um amadurecimento político e social e uma mudança na visão de mundo e sociedade. Porém percebemos que o caminho para a formação envolve uma intencionalidade tanto do formador quanto do sujeito em processo de formação e que tanto o professor

formador quanto o aluno do curso estão imersos em um processo de formação possibilitado por um espaço/tempo na Regional Catalão-UFG.

Todos eles são sujeitos aprendentes que até hoje, seja na família, no trabalho, na sala de aula, na universidade, buscam aprender, mesmo quando ensinam. Suas histórias de vida nos auxiliam a compreender que a formação deles ainda continua, com determinação e a busca por mais conhecimento.

Ao narrar seu processo de formação, eles puderam rever tudo aquilo que foi de fato importante na vida deles. Josso (2010, p. 300. *Destaques da autora*) afirma que:

As histórias de formação são, sem sombra de dúvida, uma das mediações possíveis para redescobrir essas dimensões “esquecidas”, para mostrar como é que elas continuam a estar vivas dentro de nós, como alimentam o nosso “ganhar forma”, para as reinvestirmos conscientemente como tantas outras vias possíveis de interpretação da significação da nossa existência e da direção que entendemos dar à nossa busca de uma arte de viver em ligação e partilha.

Acreditamos que, ao narrar o seu processo de formação, as ex-alunas e professores-formadores tiveram a oportunidade de lembrar fatos esquecidos que foram significativos para a sua formação e que ainda continuam presentes. Enfim, ao tratar das histórias de vida das ex-alunas e dos professores do curso de História, percebemos o quanto os processos de escolarização e formação se entrelaçam e definem escolhas no dia a dia, bem como no futuro pessoal e profissional. De um modo especial, esse é um dado que pode servir de alerta para os cursos superiores de formação de professor, pois nos parece que em termos de processo formativo, tanto a escolarização quanto a formação são lapidadoras do sujeito aprendente. Ou seja, o curso de História e outras licenciaturas têm nas histórias de vida de seus alunos um forte elemento para se levar em consideração nos seus aprendizados.

Também percebemos o impacto para o professor/formador da valorização dada pelos alunos a essa etapa de escolarização

ou de formação. Nos relatos dos professores/formadores ficou evidente a frustração em perceberem que o objetivo de alguns alunos era somente a obtenção de um diploma que possibilitasse uma promoção para melhores rendimentos financeiros na época da aposentadoria. Os obstáculos relativos às deficiências de recursos físicos, condições de trabalho e adaptação, para a equipe de docentes na Regional Catalão, não pareceram ter um peso tão forte quanto a percepção de que alguns alunos não estavam interessados em agregar conhecimentos ou construir uma nova possibilidade de formação e de percepção de mundo. Elaborar estratégias didáticas e emocionais para lidar com essa situação foi um ponto forte nos relatos. Compartilhar com os professores/formadores que apesar dessa percepção e talvez do real desinteresse de alguns alunos, o curso de história, nas narrativas coletadas foi formativo, transformador e possibilitou mudanças pessoais e profissionais para alguns, reforça o nosso interesse em coletarmos narrativas e trabalharmos com histórias de vida, possibilitando, como nesse caso, evidenciarmos resultados positivos na formação de professores de história.

A partir desta análise, ficamos também mais atentos para elaborar roteiros de entrevistas, e traçar objetivos, pois mesmo tendo a intenção de compreendermos processos formativos, muitas vezes damos ênfase ao processo de escolarização nas entrevistas, direcionando-as com questões sobre onde foram realizados os estudos, em que escolas, como eram as avaliações sem darmos uma atenção especial para que o próprio narrador possa nos contar sobre como o seu processo de escolarização influenciou nas suas atitudes, nos seus pensamentos e em relação às suas escolhas profissionais e pessoais.

Referências

AMARAL, Nelson Cardoso. Financiamento da Educação Superior no Brasil: gastos com as Ifes – de Fernando Collor a Luiz Inácio Lula da Silva. In: BITTAR, Mariluce; OLIVEIRA, João Ferreira de e MOROSINI, Marília (orgs.) *Educação Superior no Brasil: 10 anos pós –LDB*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008, p. 257-282.

ANDRADE, Sandra dos Santos. *Juventudes e Processos de Escolarização: uma abordagem cultural*. 2008. 257f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. *Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 23, n. 1-2, p. 1-9, janeiro/dezembro, 1997.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 32, n. 2, ago. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 mar. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022006000200011>.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à reforma universitária de 1968, *Educar*, Curitiba: Editora UFPR, n. 28, p.17-36, 2006.

JOSSO, Marie Christine. *Caminhar para si*. Tradução de Albino Pozzer. Coordenação de Maria Helena Menna Barreto Abrahão, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MARTINS, Carlos Benedito. O ensino superior brasileiro nos anos 90. *Revista São Paulo em perspectiva*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 41-60, janeiro/março, 2000. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=50102-8839200000100006&ing=PT&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 12/09/14.

MAZZOTTI, Aida Judith Alves; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SILVA, Maria José da. *A História do Campus Catalão da UFG: 1983-2002*. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2009.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. *Educação*, Porto alegre, v.34, n.2, p. 213-220, maio/agosto, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. *Resolução CCEP Nº 189*. Cria o Campus Avançado de Catalão e dá outras providências. Goiânia. 1983. Disponível em: https://sistemas.ufg.br/consultas_publicas/resoluções/arquivo/Resolucao_CEPEC_1983_0189.pdf. Acesso em 28/01/15.

_____. *Resolução CCEP Nº 309*. Fixa o currículo pleno do curso de História-Licenciatura-Bacharelado, para os alunos que ingressarem a partir de 1991 e dá outras providências. Goiânia, Goiás. 1990. Disponível em [http://sistemas.ufg.br/consultaspublicas/resoluções/arquivos/resolução CEPEC19900309.pdf](http://sistemas.ufg.br/consultaspublicas/resoluções/arquivos/resolução_CEPEC19900309.pdf). Acesso em 18/06/14.

_____. *Resolução Nº 395*. Fixa o novo currículo pleno do curso de História- Bacharelado e Licenciatura para os alunos que ingressarem a partir de 1996 e dá outras providências. Goiânia, Goiás. 1995. Disponível em <http://sistemas.ufg.br/consultaspublicas/resoluções/arquivos/resoluçãoCEPEC19950395.pdf>. Acesso em 18/06/14.